

# O ORGULHO PELO CORPO NEGRO MANIFESTADO NO VESTUÁRIO DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS ANTIRRACISTAS<sup>1</sup>

*Isaac Matheus Santos Batista<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Com dados etnográficos junto ao perfil do Facebook de mulheres brasileiras negras antirracistas e a favor da valorização da negritude, e com o auxílio de enquadramentos conceituais de base semiótica, este artigo demonstra que as participantes do estudo constroem uma narrativa onde o racismo e o eurocentrismo provocam nas mulheres negras um sentimento de vergonha pelos traços diacríticos da “raça” negra, resultando em rejeição, abandono e ocultamento de tais traços no intuito de evitar preconceito e discriminação. Porém, essas mulheres buscam uma nova narrativa, ao mostrarem que no passado antes da colonização, as pessoas negras eram poderosas e livres inclusive para manipular o corpo conforme seus próprios modelos de beleza, sem ter de se submeter ao padrão corporal branco e europeu. Tal idealização acerca dos negros da África pré-colonização passa a provocar orgulho nas mulheres negras em relação aos traços diacríticos da “raça” negra. Tal orgulho pelo corpo negro se manifesta no vestuário dessas mulheres, as quais passam a adotar, manter e expor os traços do corpo negro representados em roupas e acessórios, a saber: brincos com referência ao corpo negro; flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; e desenhos de corpos negros estampados em roupas. Com esse vestuário, elas provocam a construção de uma imagem positiva de si mesmas aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, e o recebimento de elogios e outras reações positivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo negro. Mulher negra. Vestuário. Antirracismo.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da dissertação de mestrado do autor (BATISTA, 2019).

<sup>2</sup> Mestre em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: isaacmsbatista@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1879-7500>.

## **PRIDE FOR THE BLACK BODY EXPRESSED IN THE CLOTHING WORN BY ANTI-RACIST BRAZILIAN BLACK WOMEN**

**ABSTRACT:** Using ethnographic data from the Facebook profiles of anti-racist black Brazilian women who are in favor of the valorization of blackness, and with the help of conceptual frameworks based on semiotics, this article demonstrates that the study participants construct a narrative in which racism and Eurocentrism provoke in black women a feeling of shame for the diacritical features of the black “race,” resulting in rejection, abandonment, and concealment of such features in order to avoid prejudice and discrimination. However, these women seek a new narrative by showing that in the past before colonization, black people were powerful and free, they could manipulate their bodies according to their own models of beauty, without having to submit to the white and European body standard. This idealization of the black subject and of Africa in the pre-colonization past begins to provoke pride in black women in relation to the diacritical features of the black “race.” This pride in the black body is manifested in the clothing of these women, who begin to adopt, maintain and display the features of the black body represented in clothes and accessories, namely: earrings with reference to the black body; flowers in curly and frizzy hair; and drawings of black bodies printed on clothes. With those clothes, they provoke the construction of a positive image of themselves in their own eyes and in the eyes of others, and the receipt of compliments and other positive reactions.

**KEYWORDS:** Black body. Black woman. Apparel. Antiracism.

## **ORGULLO POR EL CUERPO NEGRO EXPRESADO EN LA VESTIMENTA DE LAS MUJERES NEGRAS BRASILEÑAS ANTIRACISTAS**

**RESUMEN:** Utilizando datos etnográficos de los perfiles de Facebook de mujeres negras brasileñas antirracistas que están a favor de la valorización de la negritud, y con la ayuda de marcos conceptuales basados en la semiótica, este artículo demuestra que las participantes del estudio construyen una narrativa en la que el racismo y el eurocentrismo provocan en las mujeres negras un sentimiento de vergüenza por los rasgos diacríticos de la “raza” negra, resultando en rechazo, abandono y ocultamiento de tales rasgos para

evitar prejuízos y discriminación. Sin embargo, estas mujeres buscan una nueva narrativa al mostrar que en el pasado antes de la colonización, las personas negras eran poderosas y libres, incluso para manipular sus cuerpos de acuerdo con sus propios modelos de belleza, sin tener que someterse al estándar corporal blanco y europeo. Esta idealización del sujeto negro y de África en el pasado precolonial comienza a provocar orgullo en las mujeres negras en relación con los rasgos diacríticos de la “raza” negra. Este orgullo por el cuerpo negro se manifiesta en la vestimenta de estas mujeres, que comienzan a adoptar, mantener y exhibir los rasgos del cuerpo negro representados en ropa y accesorios, a saber: aretes con referencia al cuerpo negro; flores en el pelo rizado y encrespado, y dibujos de cuerpos negros impresos en la ropa. Con estas vestimentas, provocan la construcción de una imagen positiva de sí mismos ante sus propios ojos y ante los ojos de los demás, y la recepción de elogios y otras reacciones positivas.

**PALABRAS CLAVE:** Cuerpo negro. Mujer negra. Vestimenta. Antirracismo.

## INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa mais ampla realizada durante mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social na Universidade Federal Rural de Pernambuco. O objetivo geral da pesquisa de mestrado foi compreender os sentidos do consumo de vestuário por pessoas do Movimento da Negritude na atualidade. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma etnografia (KOZINETTS, 2010; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998; URIARTE, 2012), baseada numa observação-participante prolongada a partir do perfil do Facebook de pessoas negras brasileiras, cujas postagens indicavam seu envolvimento na luta contra o racismo e na promoção da valorização da negritude e da africanidade. No total, 64 pessoas concordaram em participar da pesquisa, e mantivemos a observação-participante desde meados de 2017 até dezembro de 2018. Nesse período, registramos *prints* dos posts e interações, além de anotarmos observações de campo, com descrições e percepções dos significados que fomos assimilando ao longo do tempo compartilhado com os participantes.

A pesquisa resultou numa dissertação de 590 páginas, mas nesse artigo vamos tratar especificamente, de um lado, sobre os relatos de mulheres negras brasileiras sobre um racismo e eurocentrismo que provoca

vergonha pelos traços corporais diacríticos/distintivos da “raça”<sup>3</sup> negra; e de outro lado, sobre uma luta contra o racismo e contra o eurocentrismo baseada no que é colocado como uma recuperação do orgulho pelos traços corporais distintivos da “raça” negra, sendo tal luta manifestada também no vestuário usado por tais mulheres. Iremos descrever, por texto e imagens, as formas e conteúdos dessa narrativa dual entre a vergonha pelo corpo negro e o orgulho pelo corpo negro manifestado no vestuário das mulheres brasileiras negras do estudo.

De acordo com Kozinets (2010), outros métodos ou enquadramentos conceituais podem ser adicionados à etnografia, os quais podem ajudar na interpretação dos dados. Esses métodos e conceitos, entretanto, devem estar em conjunto com uma observação-participante longa e imersiva que está na base do fazer etnográfico. Baseados nisso, tomamos mão da abordagem sobre vergonha e orgulho conforme a perspectiva semiótica discursiva no trabalho de Harkot-De-La-Taille e De La Taille (2004), a qual nos auxilia a enquadrar as narrativas observadas durante a etnografia nesses conceitos.

## **A VERGONHA PELO CORPO NEGRO**

Na semiótica, a vergonha é considerada um sentimento<sup>4</sup> oposto ao do orgulho. De acordo com Harkot-De-La-Taille e De La Taille (2004),

---

<sup>3</sup> Antropólogos e geneticistas concordam que a raça não é um fator biológico inato, pois as pesquisas acerca dos genomas de diferentes populações mostram que não há distintas categorias de humanos. Na verdade, a raça é um discurso socialmente construído que apresenta uma concretude através de algumas características fenotípicas que diferenciam um grupo de pessoas de outro. A definição dos sinais corporais diacríticos (ou seja, sinais ou traços que distinguem) de um grupo de pessoas depende da presença de um outro grupo a quem se possa comparar. Os traços distintivos da “raça” negra enquanto discurso foram construídos numa oposição às da “raça” branca, devido o contato, exploração e colonização europeia de povos africanos. (SANTOS *et al.*, 2010).

<sup>4</sup> A palavra “sentimento” está sendo usada no lugar do termo “paixão” que é usado na semiótica discursiva para falar dos estados de alma. A escolha por essa palavra, “sentimento”, se deu porque facilita o entendimento por parte dos leitores e porque foi escolhida e usada pelos autores que estamos usando para falar desse assunto. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004).

a vergonha e o orgulho, além de serem reveladores do que é considerado bom ou mau dentro de um grupo, ainda tornam explícito quais os valores que as pessoas relacionam à sua boa imagem. Para os autores, a vergonha se dá da seguinte maneira:

Três condições de base concorrem na instauração da vergonha, esse sentimento penoso de desonra, esse mal-estar moral. Em primeiro lugar, o sujeito precisa ver-se dentro de um grupo, pertencente a um “nós”, isto é, estar em uma situação de compartilhamento de valores, em que não diferencia valores seus e do grupo, na área em questão. Em segundo lugar, o sujeito deve crer que a imagem de si veiculada tem pouco valor, o que lhe causa um sentimento de rebaixamento ou inferioridade (sou menos rico, corajoso, justo, importante etc., do que gostaria ou deveria). Finalmente, ao lado da comunhão de valores e do sentimento de inferioridade, é preciso incidir a possibilidade de exposição dessa imagem a um “outro”, uma instância (alguém ou grupo) legitimada pelo sujeito para julgar negativamente essa imagem. A vergonha, portanto, é paixão [ou sentimento] de um ser social. [...] nenhum homem coraria vivendo em isolamento total. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004, p. 78).

Como pôde-se ler, o fator “exposição” é importante para que o indivíduo possa ser julgado negativamente em relação àquilo que ele e seus pares consideram de pouco valor. Essa “exposição” pode ser real, na medida em que o sujeito é realmente exposto para o olhar dos outros de fato e acaba recebendo uma sanção negativa; ou pode ser imaginária, na medida em que o sujeito imagina a si mesmo diante dos olhos dos outros e antecipa imaginariamente que os outros irão lhe dar uma sanção negativa. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004).

Considerando no contexto da semiótica (FIORIN, 2013), o sentimento de vergonha assim descrito pode servir para manipular o sujeito a rejeitar, abandonar ou esconder o que é considerado vergonhoso para evitar receber castigos (sanção pragmática) ou evitar a criação de

uma imagem negativa de si aos olhos dos outros (sanção cognitiva). Por exemplo, alguém que sente que ser careca é percebido como feio pelos outros, pode usar um chapéu para esconder a cabeça ou fazer uma cirurgia de implante capilar, evitando reações negativas (piadas, rejeições amorosas etc.) ou evitando uma imagem negativa de si ao olhar dos outros.

Durante o tempo da etnografia, pudemos perceber que as pessoas do estudo construíam uma narrativa que se encaixa no enquadramento sobre a vergonha conforme explicação de base semiótica discursiva que explicamos acima. Essa narrativa trata sobre a vergonha dos sujeitos negros pelo seu corpo negro, com seus traços diacríticos corporais como nariz largo, lábios grossos, cabelo crespo ou cacheado, pele escura etc. Entendemos, que tal narrativa pode ser resumida como se segue: A sociedade racista e eurocêntrica racializa sujeitos como sendo da raça negra e os coloca numa hierarquia que inferioriza o negro em relação ao branco. Inserido nessa sociedade racista e eurocêntrica, o sujeito racializado como negro sente que os traços diacríticos da raça negra que carrega em seu corpo são inferiores, o que lhe causa sentimento de vergonha ao se expor ou se imaginar exposto à sociedade racista e eurocêntrica que age com discriminação e julga preconceituosamente. Tal sentimento de vergonha provoca ações em tais sujeitos inclinadas a rejeitar, abandonar ou esconder os sinais diacríticos da raça negra de maneira a evitar sofrer discriminação e preconceito.

Vejamos, com dados da etnografia, como essa narrativa da vergonha pelo corpo negro se constrói nos posts de várias pessoas com temas que abordam em seu cotidiano. As participantes referenciaram o corpo negro **várias** vezes, falando constantemente como a pele escura era o principal sinal que as racializava como negras, e como isso, devido ao racismo e eurocentrismo da sociedade, as tornava alvo das mais diversas formas de preconceito e discriminação.

Um post feito pela participante Ana<sup>5</sup> fazia uma crítica à ideia de que as pessoas poderiam simplesmente “se sentir negras”, pois em sua

---

<sup>5</sup> Por questões éticas, iremos substituir os nomes de todas as participantes por nomes fictícios em ordem alfabética, além de encobrir quaisquer rostos, nomes ou localizações que aparecerem nas postagens apresentadas, de maneira a velar pelo anonimato e privacidade.

percepção o racismo não recairia simplesmente sobre pessoas que sentem abstratamente negras, mas sobre aquelas que possuem a existência negra devido à quantidade de melanina presente na pele e aos fenótipos característicos da “raça” negra, como cabelo crespo/cacheado, nariz e lábios grossos. Para ela, são essas pessoas que possuem a materialidade negra que devem se conscientizar do racismo que sofrem. Para essa pessoa, os sofrimentos dos negros são causados devido ao racismo que oprime unicamente aqueles que possuem o corpo negro com suas características distintivas; ou ter esse corpo numa sociedade racista é o que provoca as injustiças feitas a esse grupo de pessoas.

Post parecido feito por Bárbara criticava aqueles que no Dia da Consciência Negra silenciavam os negros ao dizerem que o certo seria “dia da consciência humana”. Para a autora do post, não é a alma humana que sofre com racismo, mas as pessoas que possuem a pele negra, pois são elas que são mortas, que não conseguem emprego, que não podem cultuar seus deuses, que não são representadas positivamente na mídia. Sendo assim, para quem postou, a consciência deveria ser negra, pois só quem está literalmente nessa “pele” é que saberia como o racismo é opressor.

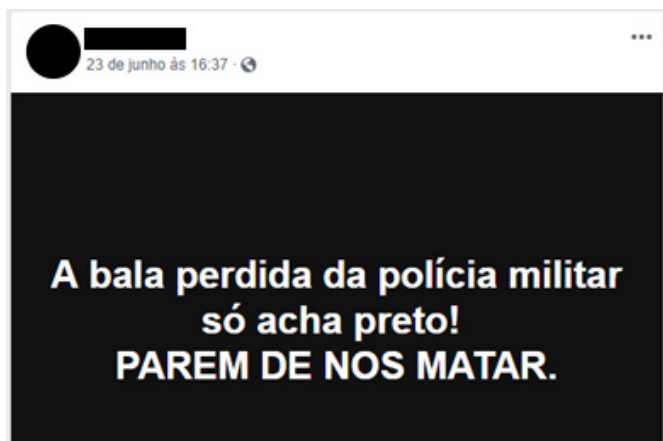
Semelhante discurso é informado no post abaixo (figura 1), feito por Carla. As imagens revelam que ter a cor da pele escura aumenta o risco de uma pessoa 1) ser assassinada; 2) causar suspeição na polícia (que, em vários outros momentos da pesquisa, foi tida pelos participantes como umas das principais instituições que empreendem o genocídio de negros no Brasil); 3) chocar menos a população com sua morte em comparação com a morte de uma pessoa branca. As imagens apresentam dois tons de marrom que lembram a cor da pele negra. Toda essa violência contra os jovens negros é considerada como tendo base no racismo da sociedade e instituições brasileiras. Esse post é uma “lembança” –um recurso do Facebook que informa diariamente o que foi postado na mesma data há pelo menos um ano atrás – por isso a legenda diz que “Só piorou!”, pois para quem compartilhou a lembrança, a situação do negro no Brasil está pior do que há quatro anos, época em que ela publicou essas imagens pela primeira vez.

**FIGURA 1:** Imagem explica que ter a pele negra causa morte, suspeição policial e indiferença



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

A publicação de Daniela (figura 2) exemplifica outros posts vistos que associam a morte das pessoas negras à ação policial. Esse post em questão faz referência ao caso de um adolescente de 14 anos que foi morto no dia 20 de junho de 2018 na favela da Maré por policiais, enquanto andava na rua com o material escolar na mochila e a farda da escola. A morte desse jovem gerou muita comoção entre as pessoas do estudo, que encheram as suas *timelines* com *posts* sobre o assunto, discutindo o genocídio do negro brasileiro e o racismo no Brasil. Para as participantes, a cor da pele negra do adolescente foi o único motivo de ele ter sido alvo do tiro dos policiais, pois ele não estava cometendo nenhum crime ou infração, estava apenas num dia normal indo para sua escola. O fundo preto do post remete à simbologia do luto pela perda do jovem.

**FIGURA 2** – Daniela: “A bala perdida da polícia militar só acha preto!”

Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Houve momentos em que as pessoas discutiram sobre o que notam ser um menor grau de choque e revolta que a morte de uma pessoa negra causa em relação à morte de uma pessoa branca. Foram comuns comparações entre tragédias associadas a pessoas negras e outras tragédias em que as vítimas foram brancos europeus, sempre no sentido de dizer que quando são brancos que morrem, a mídia dá atenção, as pessoas falam sobre isso e a internet se mobiliza para postar notícias sobre o assunto ou mesmo para colocar temas<sup>6</sup> nas imagens do perfil a favor dos países europeus aos quais as pessoas brancas pertenciam; e, ao contrário, quando as vítimas são negras, o silêncio impera, pois ninguém se importa com os negros e africanos.

Duas situações bem expressivas que serviram de pivô para a discussão pelos sujeitos da pesquisa acerca dessa indiferença em relação às mortes dos negros e africanos foram os deslizamentos de terra em Serra Leoa, na África, causados por chuvas torrenciais que duraram alguns dias,

<sup>6</sup> O recurso de temas permite criar e disponibilizar imagens para sobrepor às fotos dos perfis dos usuários do Facebook. Entre as possibilidades, esses temas podem referenciar acontecimentos que mobilizam ou comovem a população.

os quais provocaram a morte de centenas de pessoas negras (em agosto de 2017), e a escravidão contemporânea de negros africanos imigrantes na Líbia (em novembro de 2017). Apresentaremos a seguir uma publicação sobre o caso em Serra Leoa.

No post abaixo (figura 3), Érica apresenta um poema escrito por ela, no qual ela mostra diversas opressões sofridas pelos negros apenas por carregarem em seus corpos a cor de pele escura: escravidão e todas suas dores; chacinas feitas pela polícia; morte por pertencer a religiões afro-brasileiras. Após o poema, ela diz o desastre em Serra Leoa não foi tomado como importante porque envolveu a morte de negros. Ela diz que a morte das quatrocentas pessoas negras nos deslizamentos de terra que ocorrem nesse país só comove aos próprios negros. Na foto, há várias pessoas negras num corredor de covas improvisadas para os mortos do deslizamento.

**FIGURA 3:** Érica fala sobre a indiferença à morte de negros em Serra Leoa em 2017

**Corpos Pretos**  
Negros corpos  
Amontoados no tumbreiro,  
Chicoteados e estuprados  
São tidos como produtos  
Da mão de obra  
Do tráfico negreiro,  
Corpos arrancados  
Violentamente da terra mãe,  
São corpos maltratados,  
Acorrentados um ao outro  
Preso pelos grilhões,  
Corpos de homens negros  
Chicoteados no tronco,  
Corpos de mulheres negras  
Servidas do estupro  
Dos monstros "senhores" cães,  
Corpos de toda gente preta  
Maltratada e maltrapilha,  
São os mesmos corpos  
Que na mira  
Pra Sociedade é Bandido  
São os corpos pretos

A polícia a arma engatilha,  
São os corpos pretos  
Que sangram nas periferias  
A cada chacina.  
São os corpos pretos,  
Negados de todos os direitos,  
São os mesmos corpos pretos  
Que a 3 séculos e meio  
Sofrem todas as mazelas  
Do Preconceito.  
São corpos Negros  
Que não podem louvar seus Orixá,  
Que são agredidos,  
Levam pedradas,  
Valei-nos meu pai Oxalá!  
Corpos Pretos  
Atritados nas mais  
Precárias condições,  
Na periferia,  
Os fardados  
Joga os corpos negros  
Nos valões,  
Todo Preto, Pobre  
E favelado  
Pra Sociedade é Bandido  
E ainda tem coragem de

FUJUU PIRELU, FUGURE  
E favelado  
Pra Sociedade é Bandido  
E ainda tem coragem de  
Dizer que nesse país não  
Existe racismo.  
Ontem era no pelourinho,  
Na chibata  
Hoje  
Corpos Preto sangram  
Com tiros dos capitães  
Que no mato  
E na calada da noite  
Mata!!!

Serra Leoa não é importante pq os 400 mortos eram pretos.  
As vidas pretas só comovem a nós.

Serra Leoa não é importante pq os 400 mortos eram pretos.  
As vidas pretas só comovem a nós.

Curtir Comentar Compartilhar  
e outras 15

Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Outra consequência negativa do eurocentrismo e racismo relacionada ao corpo negro, segundo algumas pessoas da pesquisa, é a miscigenação de negros com brancos que, para elas, seria uma estratégia de aniquilar o negro, ao se tentar clarear a pele das futuras gerações pela hibridização

genética. Um post de Fernanda dizia que a morte do negro no Brasil se dá também na programação de uma miscigenação que se baseia na ideia de que é possível exterminar a raça negra ao cruzá-la constantemente com a raça humana branca, sendo que este pensamento se baseia, segundo quem postou, na ideia de que as pessoas de pele negra são inferiores às brancas, e que por isso seria necessário embranquecer a sociedade. Ao fim do texto, havia uma foto de um casal negro com roupas que remetem aos povos africanos, com a mulher apoiada no ombro do homem, mostrando o ideal do que alguns chamaram de relacionamentos “afrocentrados”, em que a moça ou o rapaz deve escolher um parceiro(a) negro para se relacionar em resistência à essa miscigenação de caráter eugênico.

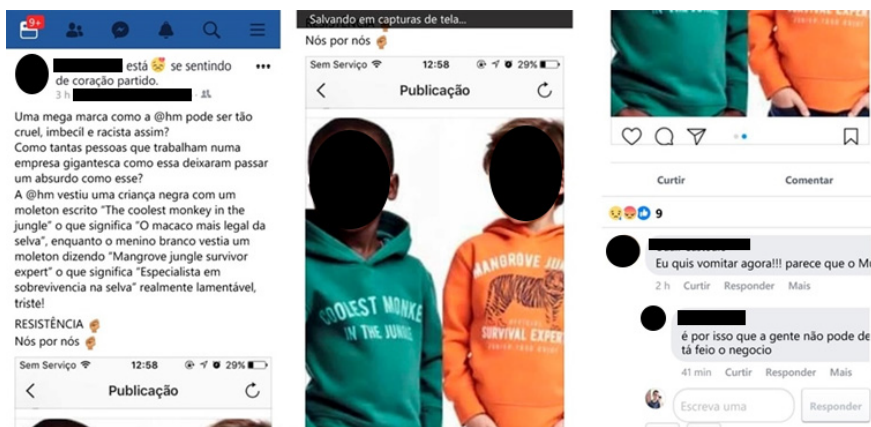
Às vezes, as reclamações com relação à miscigenação recaíam sobre os próprios negros, já que estar ou não com uma pessoa branca e preferir uma pessoa negra é uma escolha individual. Entretanto, algumas críticas surgiam contra essas reclamações, muitas vezes na seção de comentários dos posts reclamantes. Tais críticas tiravam a culpa individual do negro, e a colocava na sociedade racista que influenciaria o gosto dos negros e os faria rejeitar um parceiro de mesma cor para preferir um parceiro branco devido aos significados de ascensão social ligados às pessoas brancas. O problema, então, diversas vezes, era identificado como exterior ao negro e negra; e, dessa forma, identificava-se o inimigo como o branco/branquitude e o mal como parte de seu caráter, pois seria o branco, com seu racismo, que teria influenciado inicialmente a percepção dos negros sobre si mesmos e sobre os outros, fazendo-os se sentir inferiores e buscar um status melhor na sociedade ao aderirem a um relacionamento “inter-racial”.

As pessoas também discutiram sobre o racismo promover uma inferiorização dos traços diacríticos da “raça” negra principalmente em questão de beleza, o que gera o desejo ou necessidade de se embranquecer esteticamente, ou simplesmente esconder ou não destacar esses fenótipos, devido à vergonha que causam.

A publicação abaixo (figura 4), feita por Gabriela que diz estar de “coração partido”, relata o caso em que a marca H&M norte-americana, em janeiro de 2018, fez uma campanha para uma coleção infantil, em que uma das fotos mostrava dois garotos, um branco e um negro. No moletom

do garoto branco, estava escrito em inglês: “Especialista em sobrevivência na selva”. No moletom do garoto negro, porém, havia a seguinte frase em inglês: “O macaco mais legal da selva”. As principais reações dadas à publicação relatam a tristeza e a raiva diante de tal representação feita da criança negra que é associada a um animal símbolo de primitivismo e ser menos evoluído em comparação a espécie humana.

**FIGURA 4:** Gabriela fala contra associação de menino negro à macaco em campanha da H&M



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Outro caso em que uma criança negra foi chamada de macaca, além de outros xingamentos sobre sua aparência física, ocorreu quando uma *socialite* postou em seu Instagram um vídeo em que criticava as pessoas que a xingavam nas redes sociais por não se enquadrar no padrão de beleza europeu (segundo ela: cabelos lisos, olhos azuis, nariz fino e bonito), mas que iam no Instagram do ator Bruno Gagliasso para elogiar a filha adotiva dele, de nome Titi, que é uma menina negra. A *socialite* xingou Titi, comparando sua cor, seu cabelo e seu nariz à adjetivos pejorativos. Ela se indigna porque elogiam a menina, mas criticam sua aparência (visto que a própria *socialite* em questão possui pele marrom claro, nariz largo e cabelo aparentemente alisado), e ela diz que só elogiam a criança por ela

ser filha de famosos. Além disso, ela diz que a menina não pode ser filha de Gagliasso e Giovanna Ewbank, pois ambos são brancos de olhos claros e a criança é negra.

Esse episódio em que Titi foi alvo de discriminação gerou grande comoção entre as pessoas do estudo. Em um *post*, uma das participantes se mostrou indignada e com ódio da *socialite* devido a sua atitude criminosa que num país como o Brasil, segundo quem postou, é defendida e apoiada como simples opinião sobre estética, como um mero exercício de liberdade de expressão.

Helena (figura 5) também menciona o fato de as pessoas considerarem xingamentos racistas contra negros como liberdade de expressão. Para ela, esse tipo de atitude é preconceituosa e racista e merece ser combatida; e quem se acha superior ao negro deve ser depreciado. Sua publicação apresenta um desenho retratando Titi, valorizando-a ao representá-la sorrindo, com borboletas (muito ligadas ao paradisíaco, ao universo infantil e à transformação que leva ao melhoramento de si mesmo pela metamorfose), flores (que remetem à beleza e ao feminino), brilho (ligado ao encanto e ao deslumbramento) e turbante (símbolo de negritude assumida e valorizada), em contraste com a atitude racista da *socialite* que a desvalorizou.

**FIGURA 5:** Helena posta desenho de Titi e reclama contra complacência ao racismo



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Outro caso discutido entre as pessoas da pesquisa foi o dos ataques racistas sofridos por uma criança negra youtuber. Em um de seus vídeos no Youtube, ela ensinava um penteado para ir para escola, e houve um momento em que ela disse que o seu cabelo era cacheado, então começou-se a se fazer comentários no vídeo dela, os quais diziam que o cabelo dela era ruim, feio, por ser na verdade crespo e não cacheado. Muitas pessoas postaram em seus perfis críticas a esses ataques, e fizeram elogios e incentivos à youtuber mirim, como no post de Isabela (figura 6), em que ela reclama da maldade do ser humano e pede para que os outros se inscrevam no canal da youtuber e mandem mensagem de amor nos comentários de seus vídeos. Muitas vezes, tal qual Isabela solicitou que se fizesse, as pessoas negras quando viam algum negro ser diminuído pela sua aparência começavam a elogiar essa pessoa que estava sendo inferiorizada para aumentar sua autoestima e combater as palavras ofensivas.

**FIGURA 6:** Post sobre os comentários racistas contra uma youtuber mirim



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Nos comentários da publicação feita por Isabela, havia pessoas entristecidas, como uma senhora que pensa na sua própria filha e na possibilidade que ela tem de sofrer isso, mas espera que ela consiga avançar sem desistir apesar dessa discriminação. Há uma moça que diz que reviveu o passado a partir desses comentários racistas no vídeo de Ana Clara, algo que Talita também diz ter experienciado, o que demonstra que ambas sofreram de forma semelhante a discriminação devido à textura/forma dos seus cabelos. Há também alguns comentários sobre a Salon Line, uma marca de produtos de beleza que faz produtos para cabelos crespos e cacheados, a qual presenteou a youtuber com alguns itens e um teclado para ela estudar música. Isabela afirma que esse benefício da marca à Ana foi resultado da luta dos negros que fizeram “barulho” na internet.

Também foi comum haver pessoas relatando nos textos principais de seus *posts* experiências próprias em que o racismo as fez ouvir palavras que deslegitimavam suas belezas, fazendo-as se sentir feias, diminuídas, com a autoestima baixa, realmente envergonhadas pelos seus traços físicos. Uma publicação feita por uma moça chamada Juliana mostrava uma foto sua em que ela estava acorçada, posando para a foto, e com um cabelo *black power* bastante alto. Na legenda, ela diz que o cabelo dela não é ruim e nem duro, e que duro é ter que conviver com pessoas racistas em pleno século XXI, época em que as pessoas deveriam ser mais evoluídas.

Uma outra mulher, Karol, ao postar o antes e depois de sua transição capilar, relata que durante a adolescência vivia revoltada com a vida e com a autoestima muito baixa por se achar feia, e por isso ela alisava o cabelo, de modo a esconder o cabelo crespo, pela vergonha que sentia desse seu traço corporal. Então, ela diz que ter passado pela transição capilar a fez ter uma nova imagem de si mesma, uma imagem positiva, pois passou a admirar seu cabelo crespo. No final do texto, ela manda uma mensagem a si mesma, dizendo que se ama e põe vários emojis de corações.

O *post* de Luísa (figura 7) também é bastante didático. O título do texto já é bem sugestivo: “Baixa autoestima”. Nesse texto ela revela que não possuía desde sempre autoestima baixa, mas que isso foi construído nela pelo ambiente em que ela vivia fora do lar. Lá fora do espaço de proteção e cuidado da sua família, duvidavam de sua inteligência e a



A foto em sua publicação apresenta o contrário da baixa autoestima que o texto relata, e é uma das formas encontradas de valorizar sua negritude e seus traços corporais, pois ela se apresenta maquiada, em pose sedutora. Além disso, usa tranças e turbante, ambos associados à negritude/africanidade, e que ajudam a construir sua formosura. A beleza, então, é uma forma usada por ela para resistir a essa sociedade racista que tira dela o amor-próprio, e essa beleza é construída pelos próprios traços do seu corpo negro e o modo como são manipulados (como os cabelos no estilo *boxbraids*<sup>7</sup>) e pelo uso de peças de vestuário que simbolizam africanidade e negritude.

As *hashtags* reforçam os elementos que ela quer destacar: “#me”, ela mesma que é o centro das atenções no post; “#BlackWoman”, sua identidade de mulher negra que se conecta a todas as outras mulheres negras que vivenciam coisas semelhantes por terem corpos com características semelhantes localizados em contextos sociais semelhantes; “#Turbante” e “#BoxBraids”, respectivamente o acessório que ela usa na cabeça e o estilo de suas tranças, ambos símbolos de africanidade e negritude; “#Beauty”, o tema da postagem, a beleza da mulher negra que é negada pelo racismo, mas que precisa ser valorizada através das lutas diárias; #Queen, a autovalorização, pois se autointitula “Rainha”, ao invés de se intitular a partir de palavras negativas como “negra falastrona e metida a besta” (termos que ela utiliza na legenda, dizendo ser o modo como os sujeitos preconceituosos a veem por ser negra).

Outra reclamação constante de algumas pessoas referia-se ao fato de serem chamadas de morenas ou pardas, como se fosse mais agradável ou menos grave do que serem chamadas de negras, sendo que elas mesmas se consideravam negras. Para muitas, serem chamadas por termos designativos ou caracterizadores de uma pele mais clara que a do negro era uma forma de embranquecê-las e apagar sua identidade negra, seria uma das formas de aniquilação simbólica do negro. Por isso, muitas

---

<sup>7</sup> São tranças individuais que não são trançadas rente ao couro cabeludo, como as tranças nagô. Cabelo sintético é geralmente adicionado para dar volume e comprimento. O nome «box» (que significa “caixa” em inglês) se refere às divisões quadradas ou em formato de caixa no couro cabeludo, a partir das quais as tranças são feitas.

exigiam ser chamadas de negras, e inclusive houve casos em que a pessoa, irritada, começou a excluir do seu Facebook aqueles que a chamavam de morena nos comentários.

Mariana, na figura 8, também reivindica não ser chamada de morena, afirmando que tem muita melanina. Ela ainda põe, na legenda, três emojis de punhos fechados como socos, que muitas vezes são utilizados como símbolos de ataque, como se ela estivesse afrontando aqueles que querem “eufemizar” sua identidade negra: a resistência é muitas vezes representada como uma luta. A *hashtag* anuncia como ela quer ser identificada, como negra e preta (#negrapreta); e a imagem apresenta o seu corpo, o corpo negro, de pele escura, cabelos crespos, lábios grossos.

**FIGURA 8:** *Post* de Mariana, que exige ser chamada de negra/preta ao invés de morena



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Observamos também o relato de muitas pessoas sobre como essa carga de significados negativos associados ao corpo negro costumava levar a tentar se embranquecer e apagar os traços diacríticos da “raça” negra que carregam sobre seus corpos. Nos *posts* sobre transição capilar, era comum ver como muitas pessoas que agora assumem a negritude antes tentavam a esconder, ao alisar o cabelo, por esse ser considerado feio, duro, ruim, o que lhes envergonhava. Em um *post*, certa vez, uma das

participantes perguntou se as meninas negras vivenciaram o alisamento dos cachos ou do crespo quando eram mais jovens ou se sempre gostaram de ter o cabelo cacheados ou crespos. Vinte pessoas disseram que alisavam e não aceitavam os cabelos cacheados/crespos, e sete disseram que aceitavam. Dentre vários motivos que as levavam a alisar os cabelos, destacaram-se os seguintes: porque queriam ser mais aceitas socialmente; porque a família dizia que era feio e alisava o cabelo quisesse a pessoa ou não; porque a própria pessoa odiava e achava feio o cabelo que tinha. Além do alisamento, houve pessoas que citaram que escondiam o cabelo em forma de coque.

Em outro momento, uma moça começou uma discussão acerca da rinoplastia, dizendo que tinha vontade de fazer, mas perguntando se isso tinha a ver com racismo, e muitas pessoas comentaram dizendo que o gosto e o padrão de beleza são construídos socialmente, de modo que considerar seu próprio nariz feio por ser largo seria uma influência da sociedade racista que tem o branco como ideal corporal. Entretanto, outras pessoas também a apoiaram na pretensão de operar o nariz, dizendo que era uma escolha pessoal e que poderia lhe fazer se sentir bem.

A roupa e cosméticos também participaram das discussões sobre racismo e eurocentrismo em relação ao corpo negro. Para os sujeitos da pesquisa, o racismo também seria construído na atitude das pessoas em relação à roupa e a outros adornos que esse corpo usa, pois devido aos racistas darem um valor negativo a esse corpo com todos os seus traços diacríticos da “raça” negra, eles exigiriam que ele fosse apagado, aniquilado simbolicamente, embranquecido, encoberto, nunca destacado, nunca tão sobressalente aos olhos, e isso seria conseguido também no uso ou não uso de determinado vestuário ou maquiagem.

Basicamente, algumas pessoas negras do estudo reclamaram sobre os comentários que as pessoas faziam no dia a dia acerca do uso de cores fortes por elas ou pelos negros no geral, pois essas cores, quando presentes em roupas e acessórios, destacariam ainda mais a pele negra, ou destacariam os outros traços do corpo negro quando presentes nos batons, nas tinturas usadas para cabelos etc. Pelo que apreendemos pelos *posts* das participantes do estudo, do ponto de vista dos racistas que fazem

esses comentários, usar essas cores que destacam e chamam a atenção para os traços diacríticos da “raça” negra seria um disfemismo (o contrário de eufemismo), que pode ser definido assim: “O disfemismo é o emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, operando como um estimulante, irritando a sensibilidade por meio de evocações triviais ou vis. Reforça algo, a expressão ruim (negativa)” (OLIVEIRA, 2015). Explicando de forma diferente, uma vez sendo os fenótipos característicos da “raça” negra valorados disforicamente (negativizados) devido ao racismo/eurocentrismo que privilegia o padrão de beleza branco, usar elementos de cores fortes como vermelho e amarelo nas partes do corpo que são tidas como negras (pele escura, cabelo crespo/cacheado, nariz e lábios grossos) seria uma forma de reforçar o significado de “negritude” que é visto como ruim na sociedade ou torná-lo ainda mais repugnante, já que essas tonalidades destacariam ou chamariam atenção para essas características do corpo que são desvalorizadas num contexto racista e eurocêntrico.

Na figura 9, temos um exemplo com o *post* de Naiara sobre maquiagem. Na primeira frase do seu *post*, ela comenta como as pessoas reagem quando ela, mulher negra, usa batom vermelho: “Há você parece um bicho usando batom dessa cor”. Bicho é sinônimo de “monstro”, ou seja, as pessoas racistas, segundo ela, enxergam uma monstruosidade em seus lábios grossos quando destacados pela cor vermelha e em contraste com a pele negra. Porém, no restante do texto, ela rejeita essa ofensa, dizendo que ela é linda e que a opinião de pessoas que pensam assim não importa para ela, e usa emojis de socos, para mostrar seu desejo de enfrentar os racistas por meio dessa valorização e exposição de seus traços físicos. Além disso, ela põe uma foto sua usando o batom vermelho e um emoji de uma boca vermelha, como forma de resistir a esse ponto de vista que desvaloriza e tenta apagar seus traços “negros”, pois faz justamente o contrário do que o discurso racista lhe impõe. O processo de valorização do seu corpo é construído também pelas reações e comentários a elogiando.

**FIGURA 9:** Naiara usa batom vermelho para afrontar os que dizem que negros não devem usá-lo



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Em outro *post*, mais específico sobre roupa, foi relatada uma experiência individual, em que a pessoa informou que quando era criança alguém lhe disse que pessoas de pele escura não ficavam bem usando roupas vermelhas. Quatro pessoas comentaram que ouviram que negro também não deveria usar amarelo; uma delas afirmou que só conseguiu usar essa cor depois de adulta, pois acreditava no que diziam para ela. Determinada pessoa comentou que devido a lhe dizerem que pessoas negras não podiam usar vermelho ou amarelo, ela começou a odiar tais cores, porque destacavam sua pele escura, e ela não queria que as pessoas percebessem que ela era uma mulher negra. Uma terceira disse que a própria mãe falava para o seu irmão não usar tais cores porque ficavam feias em negros. Algumas pessoas comentaram também que eram desmotivadas a usar unhas e cabelos vermelhos. Uma mulher também comentou com uma foto que mostrava a atriz negra estadunidense Viola Davis em diversas fotos com vestidos coloridos, uma ao lado da outra até criar um arco-íris; esse é um *meme* muito difundido entre as pessoas do estudo para reclamar contra o pensamento de que negro não pode

usar certas cores de roupas, e para demonstrar que negro fica bonito com qualquer cor que escolher.

Na figura 10, podemos ver o mesmo *meme* da Viola Davis postado por outra pessoa em seu perfil pessoal. Entre aspas, o *meme* mostra a frase dita para as pessoas negras: “pele negra não fica bem com qualquer cor”. Logo abaixo, está uma montagem com várias fotos de Viola Davis portando belos e elegantes vestidos com as cores do arco-íris, para mostrar que negros ficam bem sim com qualquer cor que usem. Quem postou ainda escreve “Toma aq a pele negra usando o arco íris”, como forma de enfrentar aqueles que têm um discurso preconceituoso e discriminatório. Além disso, foi colocada uma imagem de um emoji mandando beijo, o que mostra que o autor do post está sendo debochado, pois mandar beijo após ter sido provocado (nesse caso após ter sido provocado pelos racistas que tentam reprimir o uso de certas cores pelos negros) é sinal de que a pessoa não se importa ou não foi afetada pelas provocações e não respeita quem a provocou.

**FIGURA 10:** Uma versão do meme da Viola Davis usando vários vestidos nas cores do arco-íris



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

## O ORGULHO PELO CORPO NEGRO MANIFESTADO NO USO DE VESTUÁRIO

Vejamos, agora, o que Harkot-De-La-Taille e De La Taille (2004, p. 78) dizem sobre o orgulho: “O orgulho é um tipo de antônimo da vergonha: o sujeito compartilha os valores de seu grupo; experimenta um sentimento, se não de superioridade, ao menos de elevação, em consequência da autoimagem de que goza; e, finalmente, por meio da possibilidade” de exposição o “autoconceito é realimentado, a partir do juízo alheio [positivo]” (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004, p. 94). A exposição real ou imaginada é relevante para o orgulho, pois confirma no sujeito o sentimento positivo de satisfação com sua própria imagem.

Considerando no contexto da semiótica (FIORIN, 2013), ao contrário da pessoa envergonhada que se esconde para evitar o julgamento negativo, o sentimento de orgulho pode servir para manipular a pessoa adotar, manter ou expor o que é considerado de orgulho para provocar o recebimento de prêmios (sanção pragmática) ou provocar a criação de uma imagem positiva de si aos olhos dos outros (sanção cognitiva). Por exemplo, um halterofilista que sente que ser musculoso é percebido como atraente pelos outros, pode usar camisas apertadas para expor os seus músculos ou ir correr na rua sem camisa, provocando uma imagem positiva de si ao olhar dos outros ou provocando reações positivas (olhares de admiração, elogios, conquista de parceiras amorosas etc.).

Durante o tempo da etnografia, pudemos perceber que as pessoas do estudo construíam uma narrativa que se encaixa no enquadramento sobre o orgulho conforme explicação de base semiótica discursiva que explicamos acima. Essa narrativa é sobre uma retomada do orgulho das mulheres negras pelo seu corpo negro, com seus traços diacríticos corporais como nariz largo, lábios grossos, cabelo crespo ou cacheado, pele escura etc. Entendemos que tal narrativa pode ser resumida como se segue: O grupo de pessoas negras antirracistas compartilham uma visão racializada dos sujeitos negros antes da colonização europeia, tomando-os como tipos essenciais e modelos originários do negro, e os enxergam

positivamente como pessoas que eram livres e poderosas. Inserido nesse grupo de pessoas negras antirracistas, o sujeito racializado como negro sente que os traços diacríticos da raça negra que carrega em seu corpo são positivos, o que lhe causa sentimento de orgulho ao se expor ou se imaginar exposto ao grupo que compartilha essa mesma visão positiva do negro modelo originário essencialmente livre e poderoso. Tal sentimento de orgulho provoca ações em tais sujeitos inclinadas a adotar, manter ou expor os sinais diacríticos da raça negra de maneira a provocar o recebimento de prêmios e a construção de uma imagem positiva de si aos olhos dos outros.

Vejamos com dados da etnografia, como essa narrativa do orgulho pelo corpo negro se constrói. Primeiro, mostraremos posts que exemplificam a visão racializada e positiva do negro do passado pré-colonização. Depois, vamos mostrar como essa visão reverbera na adoção, manutenção e exposição de itens de vestuário que demonstram o orgulho em mulheres negras brasileiras antirracistas pelos seus traços diacríticos da “raça” negra. Outras atitudes também demonstram esse orgulho pelo corpo negro, como a transição capilar, o se autodenominar negra, o evitar rinoplastias, mas nosso foco é no vestuário usado para manifestar o orgulho pelo corpo negro.

Com a etnografia, notamos vários *posts* que constroem uma narrativa que indica que antes da ação dos colonizadores europeus, os negros e negras não tinham internalizado a cultura eurocêntrica; de modo que os negros eram seu próprio ideal e podiam viver conforme suas próprias tradições criadas por eles mesmos. Tais *posts* informavam que os negros e negras amavam seus próprios corpos, porque até então nenhum branco europeu tinha vindo de fora para lhes dizer que eles eram feios, que a religião deles era do diabo ou que suas manifestações culturais eram primitivas e inferiores e que por isso eles deveriam se embranquecer. O Negro, antes do branco, é retratado como onipotente, pois ele podia agir livremente, criando formas de vestir, cultivar, amar, modificar o corpo, fazer arte; tinha domínio sobre si mesmo; conduzia sua própria vida de maneira autônoma, sem as coerções do Outro “Branco”; tinha poderio sobre grandes reinos e era parte de poderosas civilizações, como a egípcia.

Na figura 11, vê-se uma publicação que ilustra esse pensamento. As imagens desse post feito por Olga mostram quadros de uma entrevista concedida por Lupita Nyong'o que foi uma das atrizes do filme *Pantera Negra* (2018). Ao ser indagada sobre o porquê de os negros em Wakanda (nação fictícia que é governada pelo Pantera Negra) não terem cabelos alisados e porque isso seria importante, Lupita afirma que, antes dos colonizadores brancos, os negros na África manipulavam seus cabelos das mais diversas formas, e que o novo não é a manipulação dos próprios cabelos pelos negros, mas a vergonha e rejeição que os negros passaram a ter pelas tranças e cachos. Segundo a atriz, como Wakanda nunca foi colonizada, os negros ali se amam e possuem seu próprio modelo de beleza independentemente do padrão eurocêntrico. Notamos que a postagem constrói os negros e negras do período anterior à colonização como criativos e donos do próprio corpo, pois eram senhores de si mesmos, forjavam formas diversas de se embelezarem e inventam seus próprios padrões de beleza. A publicação mostra que antes do branco, o negro não odiava sua aparência, mas estava satisfeito consigo mesmo; ele se amava, se abraçava.

**FIGURA 11:** Post diz que antes da colonização os negros se amavam e não seguiam o padrão branco de beleza

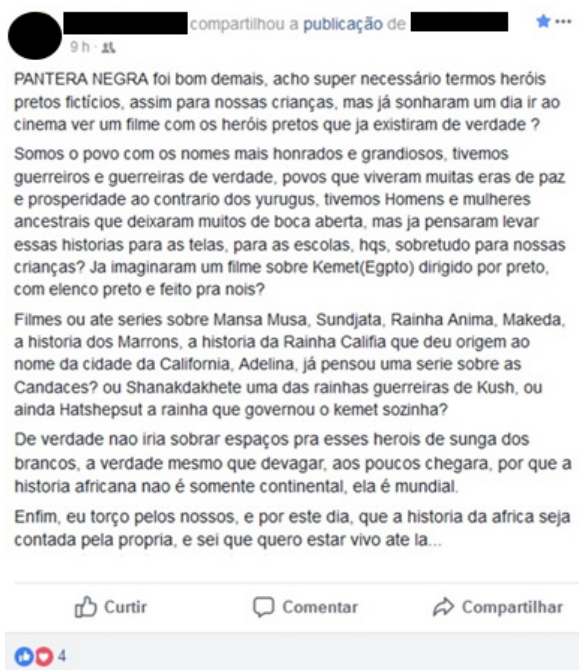


Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Esse passado antes do homem branco é construído pelas pessoas que participaram do estudo como sendo um lugar de liberdade e poder em geral, não só em relação a autonomia de manipular o próprio corpo. É sublinhado os feitos heroicos dos negros do passado pré-colonização, como um mito fundador, uma história originária do povo negro, a qual sirva de exemplo para os negros no agora, como opção positiva à história de racismo que liga os corpos negros à escravidão e inferioridade.

Na figura 12, vemos a citação de diversos nomes de negros guerreiros e grandiosos como Mansa Musa, Sundjata, a Rainha Anima, dentre outros, e um desejo de que as pessoas conheçam a real e verdadeira história africana com base na ciência histórica e contada pelos próprios africanos.

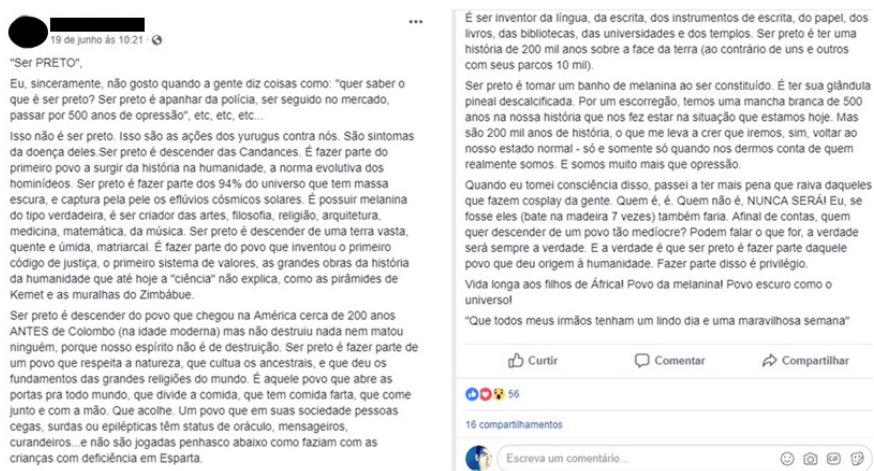
**FIGURA 12:** Paula e a necessidade de disseminar uma história positiva dos negros



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Na figura 13, Quitéria critica a história que foca a escravidão dos negros. Ela mostra que os colonizadores “mancharam” a história dos negros, e que a escravidão foi culpa dos brancos e não consequência de uma inferioridade dos negros africanos. Ela informa que na verdade os negros são criadores dos fundamentos da religião; têm respeito à natureza, aos ancestrais e aos deficientes; são abençoados pela melanina da pele; muito diferentes dos brancos medíocres que não possuem nenhuma dessas qualidades, de modo que essas ausências os inferiorizam em relação ao negro, que é poderoso e melhor e por isso privilegiado.

**FIGURA 13:** Quitéria critica o passado de escravidão e mostra uma outra origem dos negros



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

O post da figura 14, feito por Raissa, resume numa imagem a ideia de se trazer à tona esse passado espetacular do negro. É como se a essência nobre, guerreira e divina do negro do passado nunca cessasse, mas fosse transmitida de geração em geração até os negros no presente, que também são como os grandes faraós do Egito ou como os imperadores núbios. Isso fica demonstrado no modo como cada ancestral vai passando a coroa (símbolo do poder) para seus descendentes negros.

**FIGURA 14:** Imagem mostra ancestrais negros repassando coroas aos seus descendentes



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Muitas vezes, as pessoas retrataram a África como uma mãe, e os negros como filhos da África. Associam, assim, a África antes da colonização como um lugar de tranquilidade, amor, paz, liberdade, nutrição para a força. Samanta (figura 15) diz que o negro é como um filho que foi arrancando da Mãe África para ser trazido à força para as Américas como escravizado. Para ela, essa mãe ainda está com o ventre aberto, aguardando o grande retorno de seus filhos. O negro antes de ser arrancado da África, vivia com um bebê no ventre de sua mãe. A África é representada como uma mulher negra de cabelo crespo, lábios grossos. Esse local que deu origens a reis, guerreiros e sábios é representado com os sinais diacríticos da “raça” negra, como uma mulher negra, o que comunica a visão positiva do negro e negra pré-colonização, e a identificação dos negros de hoje com aquele negro de antes, um vínculo representado pelos traços e fenótipos corporais: *se a África do passado é poderosa e negra, logo os negros e negras de hoje são poderosos como a África do passado.*

**FIGURA 15:** Samanta compara o tráfico negroiro como um filho que é arrancado da mãe



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

No post de Talita (figura 16), além de se intitular de filha da África, ela também se afirma como negra em diáspora (apesar de ser brasileira), pois povos em diáspora são aqueles que estão longe de seu país de origem, vivendo em outra nação devido a guerras, migrações, exílios etc. Assim, ela mostra que deveria estar lá na África, de onde nunca deveria ter saído. E o colar em formato de África, como se pode observar, colabora para construir essa conexão, entre o corpo negro brasileiro e aquele lugar de onde ele foi retirado centenas de anos atrás.

**FIGURA 16:** Talita usa colar com forma de África e se afirma filha desse continente



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Há a criação de uma qualificação positiva do corpo negro nessa projeção de uma imagem ideal de África e do negro do passado pré-colonização, quando o corpo negro ainda não havia sido inferiorizado e nem se tornado vergonhoso. Com essa visão positiva da África e do negro, as mulheres brasileiras negras antirracistas passam a adotar, manter e expor itens de vestuário que comunicam o orgulho que sentem pelos traços diacríticos da “raça” negra que carregam em seus próprios corpos.

Tais itens de vestuário incluem: *a) brincos com referência ao corpo negro; b) flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; c) desenhos de corpos negros estampados em roupas.*

## BRINCOS COM REFERÊNCIA AO CORPO NEGRO

Uma das peças bastante utilizadas foram os brincos, por vezes de MDF cortado a laser, que referenciam de alguma forma os corpos negros, tornando explícito que as pessoas que os usam tomam a responsabilidade por se colocarem como negras diante dos outros e estão orgulhosas por pertencerem a essa classificação racial. Na figura 17, vemos um brinco com a palavra “preta”, mas também houve brincos com as palavras “crioula” e “negra”.

**FIGURA 17:** Úrsula com brinco escrito “Preta”, referenciando a cor da pele escura



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

**FIGURA 18:** Vanessa com brinco escrito “CRIOULA”



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

**FIGURA 19:** Xiomara usando brinco com nome “Preta”



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

Diversos estilos de brincos que faziam referência ao corpo negro apareceram em outros posts, como no exemplo da figura 18, em que Zilda usa um brinco no formato de uma cabeça de uma mulher com pele escura, lábios grossos, brincos de argola, turbante e cabelo escuro em estilo *black power*. A bonequinha do brinco é “igual” a Zilda que também é negra e tem o cabelo crespo no estilo *black power*. Usar esse brinco que se parece com ela comunica que ela tem orgulho das suas características físicas que a constroem como negra. Olhar para o brinco é como olhar para si mesma, e admirar a beleza do brinco é admirar a si mesma, porque ambos são “idênticos”.

A legenda da imagem reitera tudo isso, ajudando a dar sentido ao uso desse acessório, pois nela Zilda reivindica que seu cabelo seja reconhecido como crespo ao invés de cacheado, porque ser chamado de cacheado poderia ser visto como um eufemismo, uma vez que o cabelo crespo é desvalorizado e estigmatizado por muitos como ruim e feio. Ao ver quem ela é, ela gosta da imagem de si mesma, por isso sorri e diz que está “muito satisfeita”. O ideal de cabelo liso e não-crespo já não faz mais sentido para ela, a textura do seu próprio cabelo é o seu ideal, é seu modelo do que é ser bonita.



**FIGURA 22:** Aurora usando brinco que imita o rosto e cabelo de uma mulher negra



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

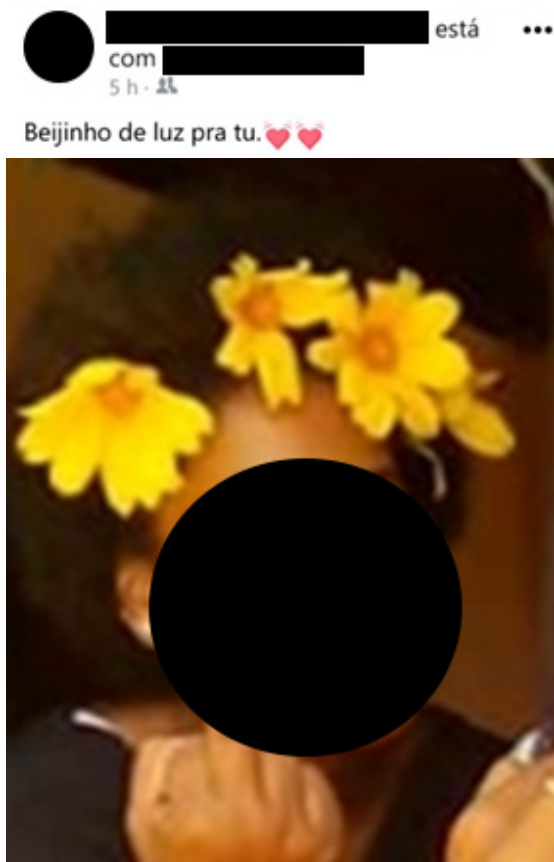
## FLORES NO CABELO CACHEADO E NO CABELO CRESPO

Outros acessórios utilizados foram as flores colocadas sobre o cabelo crespo ou cacheado, principalmente se ele estava no estilo *black power*. Os participantes do estudo consideram o cabelo crespo e cacheado como uma das principais características das pessoas negras, e informam que esse tipo de cabelo é estigmatizado e apagado por meio de cortes ou alisamentos na tentativa de reduzir a carga negativa associada a esses corpos, pois, numa sociedade racista e eurocêntrica, o padrão de beleza acaba privilegiando as características da “raça” branca que incluiria o cabelo liso. O uso das flores no cabelo vai contra justamente essa negatização e apagamento dos cabelos crespos/cacheados e do significado de negritude que eles comunicam. Ao usá-las sobre os cabelos crespos já altos, essas pessoas conseguem chamar atenção direta para seus *black powers*: ao invés de esconder os cabelos crespos/cacheados do olhar dos demais, os outros são levados quase instantaneamente a olharem para as flores do cabelo, porque elas são muitas, são mesmo exageradas por vezes.

Ao mesmo tempo, as flores são símbolos da beleza natural, da perfeição, da delicadeza, da sedução, do amor, significados positivos que as pessoas que usam esse acessório querem que estejam associados aos seus cabelos crespos e cacheados. As flores acabam sendo comparadas com o cabelo crespo/cacheado que cresce para cima, como se as flores estivessem brotando do couro cabeludo desses sujeitos que as usam. Assim, percebe-se que o cabelo é como a flor e a flor é como o cabelo: o cabelo crespo ou cacheado é então beleza natural dos negros; não é um defeito físico, mas parte do que os torna perfeitos, ideais; são delicados e bem cuidados como as flores, não duros e sujos; são agradáveis ao olhar dos outros; são e merecem ser amados pelos seus donos e pelos demais.

Dessa forma, o uso dessas flores nos cabelos crespos ou cacheados resiste contra o eufemismo realizado nos corpos dos negros que apagam ou suavizam características corporais notavelmente negras para evitar a associação das pessoas à significados negativos. Essas flores exageram o cabelo crespo/cacheado, ou seja, hiperbolizam o que há de negro neles ao mesmo tempo em que dão um significado positivo a essa característica corporal. Podemos pensar o uso desse acessório como mecanismo de exibição que tende à positivação, um “encarecimento” dos cabelos crespos/cacheados, no sentido de que exagera o valor ou as qualidades positivas associadas a eles, uma das qualidades sendo a própria negritude que eles simbolizam.

**FIGURA 23:** Benedita com flores grandes no cabelo *black power*



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

**FIGURA 24:** Célia com florezinhas naturais sobre o cabelo *black power* crespo



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

## DESENHOS DE CORPOS NEGROS ESTAMPADOS EM ROUPAS

Uma outra estética recorrente que referenciava o corpo negro de maneira positiva diz respeito ao uso de desenhos de corpos negros como estampas de roupas. Normalmente, eram representações de corpos femininos em roupas femininas. Algo a se notar é que esse corpo negro desenhado é usado para embelezar, agradar a vista de quem olha para a roupa e para a pessoa que a usa. Isso é parte da moda: a sedução, o espetáculo estético. Por meio disso, se resiste contra a cultura racista que inferioriza o corpo negro e informa que ele é feio e que precisa se embranquecer. Como nos brincos com rostinhos de mulheres negras com *black power*, a mulher negra estampada é “igual” à mulher negra que usa a estampa, elas têm mais ou menos a mesma cor de pele e textura de cabelo, além de traços faciais semelhantes, como nariz largo e lábios grossos.

**FIGURA 25:** Damares usa camisa com estampa de mulher negra de lábios grossos e *black power*.



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

**FIGURA 26:** Estela usa vestido com estampa de uma mulher negra com cabelo de flores



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

**FIGURA 27:** Flávia usa vestido com estampa de um rosto de mulher negra com *black power*



Fonte: Captura de tela feita pelo autor de postagem no Facebook.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe mais um pouco de conhecimento sobre como as mulheres brasileiras negras e antirracistas constroem uma narrativa de sofrimento e redenção em relação aos seus corpos. O sofrimento aparece nos vínculos de seus corpos à significados negativos devido à sua inferiorização histórica e à história que os inferioriza, causando vergonha por seus traços corporais que as constroem exatamente como negras: seus cabelos crespos e cacheados, seus lábios grossos, seus narizes largos, suas peles escuras. Tal vergonha provoca a rejeição, abandono ou ocultação de tais traços, por meio de atos como alisamento capilar, rinoplastias,

evitação de roupas e cosméticos que destaquem a pele, bocas e cabelos. Assim buscam evitar a discriminação e o preconceito que acomete aqueles racializados como negros: como genocídio, xingamentos e críticas à aparência corporal, rejeição amorosa, imagem negativa de si mesmas aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros etc.

A redenção aparece num retorno simbólico a uma época melhor, antes da história de dor e angústia causada pelo racismo e pelo eurocentrismo. Há uma idealização do passado da África pré-colonização, período em que o corpo negro aparece vinculado ao poder, à liberdade, à autonomia, à beleza, à nobreza, à riqueza, causando orgulho nas mulheres negras pelos seus traços corporais que as constroem exatamente como negras: seus cabelos crespos e cacheados, seus lábios grossos, seus narizes largos, suas peles escuras. Orgulhosas, passam a adotar, manter e expor tais traços corporais, dentre outras maneiras, também no uso das seguintes categorias de vestuário: a) brincos com referência ao corpo negro; b) flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; c) desenhos de corpos negros estampados em roupas. Assim, buscam provocar a construção de uma imagem positiva de si mesmas aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, e o recebimento de elogios e outras reações positivas.

Como sugestão para futuras pesquisas, pode-se verificar se há outras estéticas de vestuário, além das três que encontramos, que também comuniquem o orgulho pelo corpo negro por parte de mulheres negras brasileiras antirracistas. Além disso, pode-se investigar mais sobre como tal orgulho se manifesta em outros comportamentos e práticas além daqueles relacionadas ao vestuário.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Isaac Matheus Santos Batista. *O Negro Herói e seu traje: sentidos do consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude na contemporaneidade*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; DE LA TAILLE, Yves. A construção ética e moral de si mesmo. In: SOUZA, Maria (Org.). *Os sentidos de construção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KOZINETS, Robert V. *Netnography: doing ethnographic research online*. Londres: SAGE, 2010.
- OLIVEIRA, Roseli. *Dicionário de eufemismos*. Foz do Iguaçu: Editares, 2015.
- URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe*, v. 11, 2012.

Texto recebido em 07/01/2025 e aprovado em 15/10/2025